

~~1284~~

1332



DUARTE PACHECO

1899-1943

2

NA CAPA: FIGUE DE DUARTE PACHECO. OBRA DO ESCULTOR
LEOPOLDO DE ALMEIDA PARA O MONUMENTO DE LOUISE
NA CONTRACAPA: BRASÃO DE ARMAS DA VILA DE LAMITE



UM HOMEM PÚBLICO VERDADEIRAMENTE
DIGNO DESSE NOME E VERDADEIRA-
MENTE AMANTE DA SUA PATRIA SÓ
PODE, SÓ DEVE TER UM DESIGNIO -- SERVI-LA.
SERVI-LA EM TUDO, EM TODOS OS LUGARES
E EM TODOS OS MOMENTOS.

DUARTE PACHECO

25 - 5 - 1938



UMA VIDA VELOZMENTE VIVIDA E INTEIRAMENTE CONSAGRADA AO PROGRESSO PÁTRIO

DUARTE JOSÉ PACHECO nasceu na vila de Loulé, a 19 de Abril de 1899. Filho de José de Azevedo Pacheco e de D. Maria do Carmo Pacheco, em 1906 perdeu sua mãe e, em 1913, seu pai. Aos catorze anos de idade, o seu lar, lar de honrada família algarvia, privada de fortuna e haveres, ficou reduzido a um rancho de crianças vivendo a angústia duma grande saudade. Os pais haviam deixado, no entanto, uma herança de nobreza: o exemplo magnífico das mais altas virtudes morais, a solidez dos afectuosos laços da dedicação familiar, o culto do carácter. Todas essas circunstâncias exerceram em Duarte Pacheco a influência de um firme incitamento para o trabalho e para a formação duma admirável personalidade de homem que iria, em curto trânsito pela vida, servir, com a vivacidade duma inteligência excepcional e o poder dum temperamento ansioso de acção, as causas mais dignas de empolgar sem reservas, em entrega total, todas as energias e benditos anseios de uma alma seduzida pelo belo sonho do engrandecimento de Portugal.

Completo em Faro o curso dos liceus. Em 1917 matriculou-se no Instituto Superior Técnico, onde, em 1923, terminou com a mais alta classificação o curso de Engenheiro Electrotécnico. Professor de Matemáticas Gerais, desde 8 de Outubro de 1925, foi, no ano imediato, nomeado director interino, e mais tarde efectivo, desse estabelecimento de ensino superior. Chegou ao Poder naquele dia 19 de Abril de 1928 em que, na Sala do Conselho de Estado, o Presidente do Ministério declarou, ao apresentá-lo:

— Tenho muito gosto em dar posse da pasta da Instrução a um homem novo, activo, enérgico e decidido. O senhor Engenheiro Duarte Pacheco faz hoje vinte e nove anos. Estamos em plena festa de aniversário.

Poucos dias depois partiu para Coimbra no desempenho de alta missão. Trouxe de lá a segurança dum facto que iria mudar o rumo histórico dos acontecimentos contemporâneos, o grande facto do século no nosso país: um professor da velha Universidade, *obrigado* — no seu próprio dizer — *a abandonar o sacerdócio do ensino e a tomar por caminhos difíceis uma cruz mais*

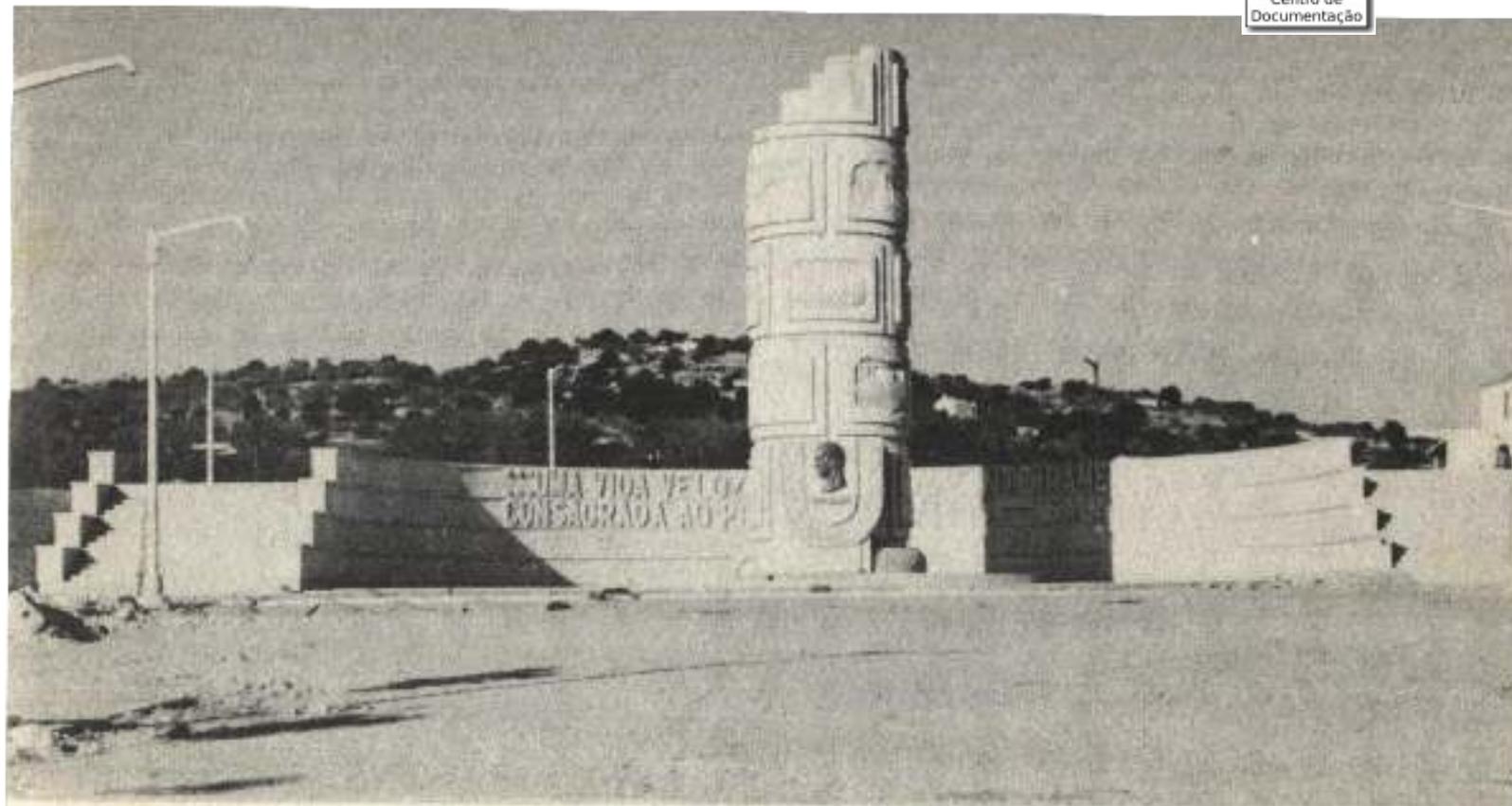
pesada, assumia, na semana seguinte, a gerência da pasta das Finanças. Com Salazar, a Nação começava a sua marcha para a maravilha dum ressurgimento fecundo.

Ministro das Obras Públicas e Comunicações de 5 de Julho de 1932 a 18 de Janeiro de 1936, no primeiro Governo chefiado pelo Prof. Doutor Oliveira Salazar, foi nomeado, em Janeiro de 1938, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, voltando, no dia 25 de Maio do mesmo ano, ao posto de Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Nesse posto morreu, a 16 de Novembro de 1943, num golpe brusco com que o Destino cortou, trágicamente, a sua actividade sobrenatural de sonhador e realizador prodigioso. Nascido na última Primavera do século passado e desaparecido ainda este século não ia em meio, a sua vida foi um clarão.

Quando o Presidente Salazar subiu à tribuna da Assembleia Nacional para exprimir o sentimento do Governo pela perda do grande homem, acentuou que «o sonho que sonhamos da transformação material do País, em mais de dez ou quinze anos, não pode já ser realizado sob o impulso do seu dinamismo, da sua intensa felicidade de criar, do seu poder de resolução, da sua vontade de aço». E afirmou: «Se a morte escolhesse atitudes, diríamos que no caso presente caprichara em fixar aquela que melhor traduzisse uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio. Podia o Ministro ter morrido na função, envelhecido precocemente, na ânsia e no afã de quem pressente faltar-lhe o tempo para realizar o pensamento de reconstrução e renovação que o regime encarnou em Portugal. Era pouco ainda. Era preciso que literalmente morresse ao serviço dela, vítima dela».

Dez anos decorreram. A sombra do grande Ministro que passou por nós tão vigorosamente acordado para as realidades palpitantes e para o esforço constante do trabalho sem repouso, ganhou perspectivas de profundidade em todos os recantos do território nacional. A sua obra imensa, extraordinária, está viva. É «o seu espírito — disse Salazar — continua a animar numa onda de entusiasmo todos os que trabalham nas obras públicas. A dedicação febril, o trabalho incansável, a sede de realizações que não chegava a satisfazer-se, a ambição do definitivo e do perfeito, a ideia de grandeza a que nos habituara fizeram escola, são hoje como ontem fonte de actividade e inspiração. Depois dele outros levaram a pesada herança e contribuíram com o seu mérito para se afirmar a continuidade da obra».

Essa continuidade e a consciência dessa herança são ainda o prolongamento permanente da homenagem do País à sua memória. Tanto ela como a sua obra talharam, a par, as dimensões duma consagração definitiva e ampla nos tempos do porvir, na gratidão do povo, nas páginas da História.



O MONUMENTO

NO monumento a Duarte Pacheco, construído por participação do Estado com as câmaras municipais de todo o País e hoje inaugurado em Loulé, o architecto Professor Luís Cristino da Silva encontrou, com superior conceito interpretativo e rara felicidade de inspiração, um sentido de simbolismo que abrange expressivamente não só a obra realizada pelo Ministro, mas também a sua trágica interrupção pelo desastre que o vitimou. Isso se conseguiu erguendo um enorme fuste de coluna, com cinco metros de diâmetro; gravando sobre ele, em grandes baixos-relevos, dezoito motivos alegóricos dos diferentes ramos da actividade de



Outro aspect

Duarte Pacheco no sector das Obras Públicas; e fazendo terminar por brusca fractura o referido fuste, a dezassete metros da base. Nessa base e na parte voltada para a praça que remata a Avenida Marechal Carmona se adossou um plinto de quatro metros de altura, na face do qual se vê a efígie de Duarte Pacheco, de bronze, obra do escultor Mestre Leopoldo de Almeida. Rodeiam a efígie



o monumento

duas grandes palmas esculpidas na cantaria. A coluna que constitui o motivo principal da composição assenta sobre uma ampla plataforma circular com trinta metros de diâmetro, limitada em metade do seu perímetro por um muro de suporte semicircular, com quatro metros de altura, incluindo a cortina de resguardo. Este muro, que se destina a suportar as terras do futuro Parque Municipal, foi



Plinto com a effigie de Duarte Pacheco, de bronze, na base do monumento
Obra do escultor Leopoldo de Almeida

totalmente revestido com um forro de cantaria aparelhada sobre o qual se gravou esta frase de Salazar:

« . . . uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio . . . »

Duas escadarias dispostas à direita e à esquerda da plataforma circular completam o arranjo geral da composição e permitem a comunicação directa entre o arruamento que se desenvolve em torno do monumento e a praça em que está situado.

No seu conjunto, a obra criada pelo Professor Luís Cristino da Silva, para tão dignamente perpetuar a memória de Duarte Pacheco na sua terra natal, tem impressionante poder sugestivo e, verdadeiramente, emocionante.

Como preito de homenagem à memória do grande Ministro e à sua obra extraordinária, tanto aquele architecto autor do projecto como os dez escultores que colaboraram na realização plástica do monumento — Professores Leopoldo de Almeida e Barata Feyo; Henrique Moreira, Álvaro de Brée, João Fragoso, Martins Correia, Raul Xavier, Anjos Teixeira, António Duarte e Euclides Vaz — ofereceram desinteressadamente os seus trabalhos à Nação.

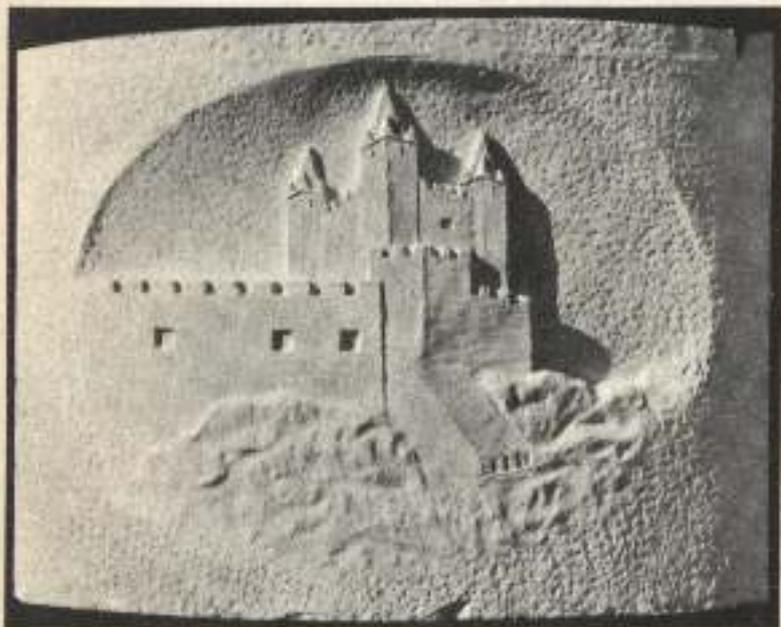
* * *

Devido ao limitadíssimo prazo fixado para a construção do monumento e à impossibilidade de se adaptar o sistema usado

CAMIONAGEM
Escultor Anjos Teixeira



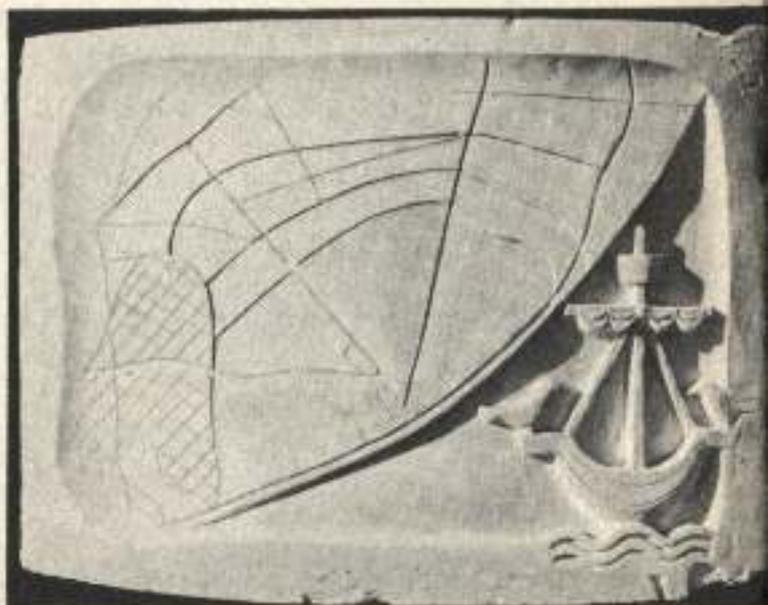
MONUMENTOS NACIONAIS
Escultor Barata Feyo



EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUES
Escultor Barata Feyo



LISBOA
Escultor Martins Correia



correntemente no talhe das cantarias, trabalhando-as nas oficinas, resolveu-se esculpir as 250 pedras que formam os 18 baixos-relevos que guarnecem o fuste da gigantesca coluna directamente sobre os seus paramentos, depois de convenientemente assentes. Este trabalho, que pela primeira vez se executa em Portugal em tão grande escala, foi confiado ao escultor Anjos Teixeira,

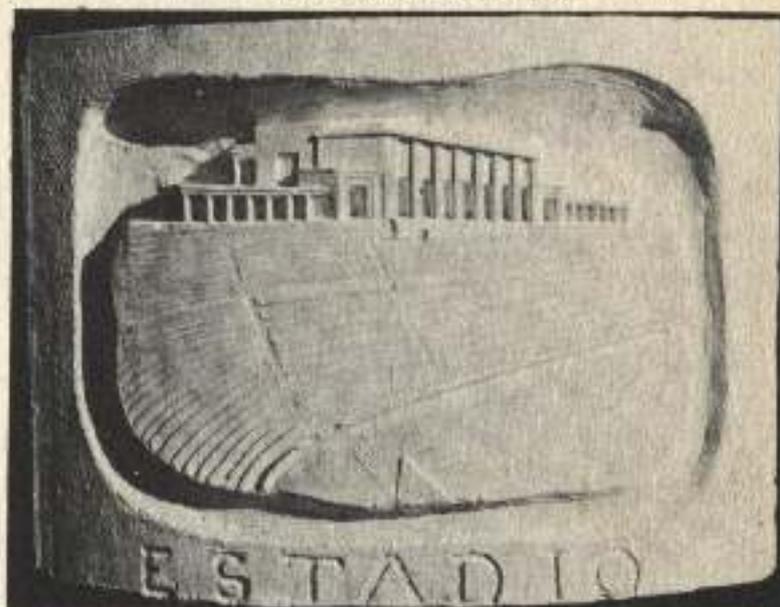
RADIODIFUSÃO
Escultor Euclides Vaz

que, à frente de uma equipa de mestres canteiros estatuários, se desempenhou brilhantemente da difícil missão.

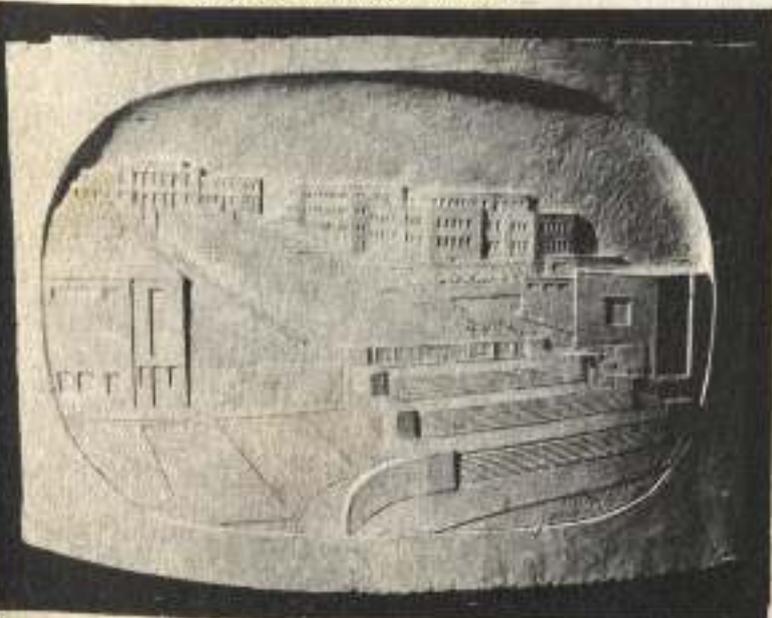
O empreiteiro da obra foi o Sr. Engenheiro Aníbal de Brito, natural do Algarve. O estudo da iluminação eléctrica do monumento foi confiado ao Sr. Engenheiro Electrotécnico Castro Néry e o do ajardinamento e arborização ao Sr. Engenheiro Silvicultor J. Pacheco Torres.



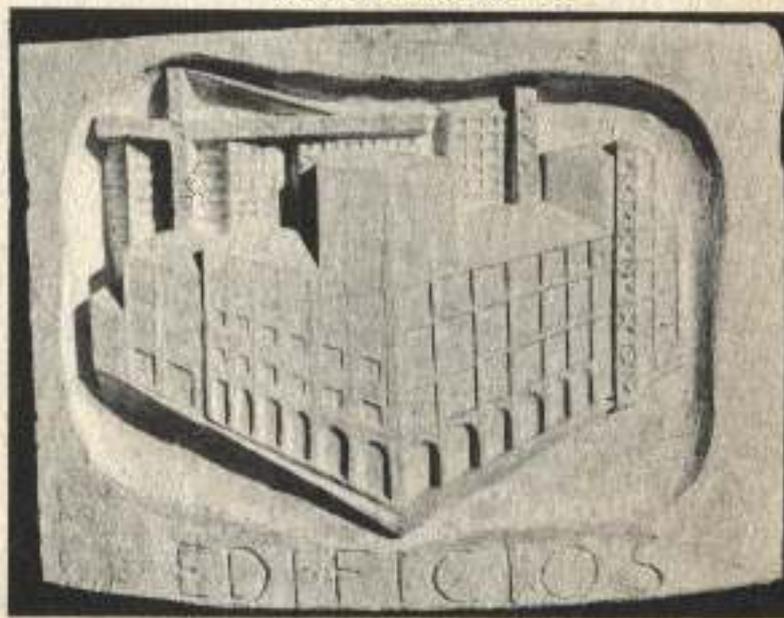
ESTADIO
Escultor Alvaro de Brée



ESCOLAS
Escultor Henrique Moreira



EDIFICIOS
Escultor Alvaro de Brée



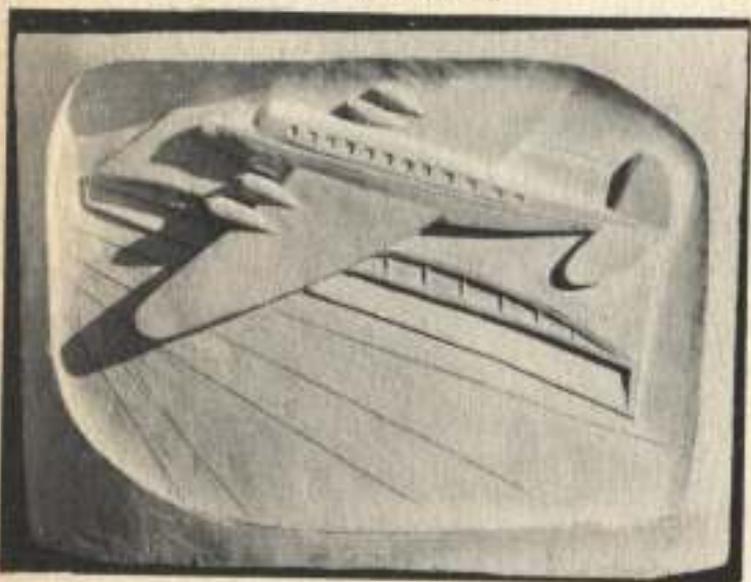


PONTES
Escultor Raul Xavier



HIDRAULICA AGRICOLA
Escultor Euclides Vaz

AEROPORTOS
Escultor Martins Correia

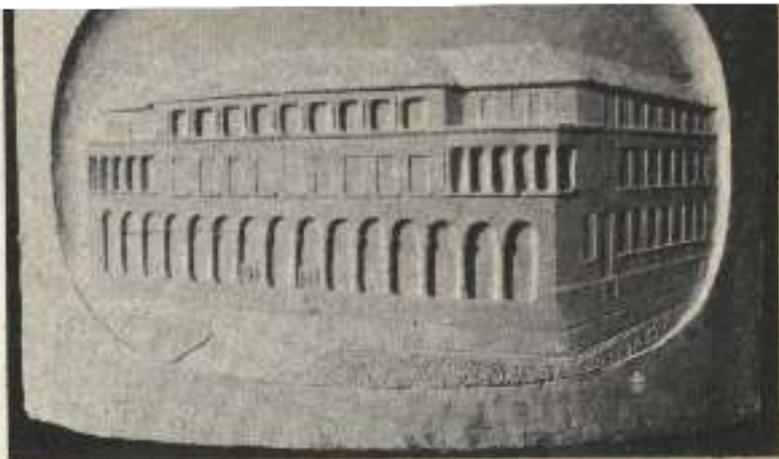


URBANIZAÇÃO
Escultor João Fragoso



HABITAÇÃO
Escultor João Fragoso

HOSPITAIS
Escultor Henrique Moreira



PORTOS
Escultor António Duarte



ESTRADAS
Escultor Anjos Teixeira



ABASTECIMENTOS DE AGUA
Escultor António Duarte



CAMINHOS DE FERRO
Escultor Raul Xavier



